

ANEXO 7

TRANSCRIÇÃO DE “O MASSACRE DO CARANDIRU” POR ANDRÉ DU RAP/BRUNO ZENI¹

No dia 2 de outubro, meu aniversário, abriu a tranca como de rotina. Às cinco e meia da manhã, o funcionário veio e abriu, os faxineiros pagaram o café da manhã. Primeiro veio a contagem. Os funcionários soltaram os faxinas, eles pagaram o café da manhã, abriram a tranca e, normal, a gente esperou abrir o campo, lá pelas sete e meia, oito horas. Era horário de sol. Uns foram pro patronato de guarda-chuva, de tampinha, os serviços que tinham dentro do pavilhão.² Outros, que eram do esporte, foram pro campo, pra arrumar o jogo.

O pessoal do time desceu. Era a rotina de sempre – parecia um dia normal.

O dia anterior também tinha sido normal, só tava aquele zum-zum-zum devido a terem descoberto que o cara que morava como o Barba era moleque. Na linguagem de cadeia moleque quer dizer homossexual. O Coelho, outro companheiro que trabalhava no setor de prontuários, descobriu isso. Descobriu que o moleque do Barba era estuprador. Tava esse zum-zum-zum, mas até então era só boato. Eu conhecia esses companheiros de vista, a gente sempre conversava. O cotidiano é oba-oba, tal, firmeza, pra lá, pra cá, na correria. Sempre quando um precisava do outro, sempre quando ia na academia, onde tinham os halteres, onde a gente treinava. Na rotina. A gente não tinha totalmente um envolvimento um com o outro, era só de vista. Eles moravam no segundo andar e eu morava no quinto.

A gente desceu pro campo, tá todo mundo jogando bola, dois times, já ia começar outro jogo. Voltando do jogo, o Coelho e o Barba começaram a trocar ideia, pra resolver a situação. Começou a discussão. Um agrediu o outro, e o Coelho levou a pior. O Coelho se sentiu menosprezado, aquilo não podia ter acontecido, ele ia ficar desonrado dentro do presídio. Era no segundo andar, vários presos saíram pros corredores, vários curiosos saíram pra galeria pra ver. Eu tava voltando do campo, era umas onze horas. Lá, a gente ouviu que tava tendo uma treta no segundo andar. Todo mundo voltou pra ver o que tava acontecendo. Quando tem uma confusão todo mundo quer ver, saber se é irmão da quebrada, um companheiro. Pra tentar

trocar uma ideia antes, fazer um debate, saber quem tá certo, saber quem tá errado.

Chegamos e tava aquele tumulto. Os dois foram removidos do pavilhão pra ser socorridos. Um tomou uma paulada, o outro também, estavam machucados. Foram pra enfermaria no pavilhão Quatro. No Nove o tumulto era generalizado, todo mundo tenso, querendo saber como ia ficar, uns correndo pra amenizar, pra não haver mais transtornos, pôr uma pedra em cima. Não existia confronto entre os presos. Houve aquela do Barba com o Coelho e acabou. Os funcionários... Foi negligência dos funcionários. As pessoas que são responsáveis pela sua segurança, na hora que o pavio queima, na hora que a bomba explode, deixam você a pé, deixam você sozinho. Foi isso que aconteceu. O que aconteceu? Os funcionários quiseram intervir, nós não deixamos. Treta de ladrão é treta de ladrão. É preso contra preso e já era. Acho que todo mundo sabe disso. As regras dentro do presídio são essas, polícia pra um lado e preso pro outro. É o respeito.

Os funcionários saíram correndo, desceram pra carceragem e abandonaram o andar e o pavilhão. Não houve negociação com os presos. Não houve negociação nenhuma. Os funcionários – diretor, diretor de disciplina, agentes penitenciários – simplesmente abandonaram o pavilhão e deixaram nós lá. Disseram que havia uma rebelião no pavilhão e trancaram o portão. E a gente tá lá resolvendo. Os helicópteros começaram a sobrevoar. Quando a gente viu que tava o maior tumulto e os helicópteros começaram a sobrevoar, fizemos várias faixas. Todo mundo procurou se proteger da melhor forma. Todo mundo sabe que dentro da cadeia a gente tem que se defender contra a opressão. O preso não vai ficar ali esperando ser massacrado. O que que nós fizemos? Cada um tentou se proteger: uns pegaram pedaços de pau, outros com toalhas. O que é a arma do preso? Não tem arma de fogo lá dentro. Nós subimos, uns foram pras celas. Eu fui me enturmar com o pessoal da Leste, no quinto andar. Todo mundo procurou ficar próximo – “Cadê fulano, cadê beltrano?”, todo mundo se procurando. Um preocupado com a segurança do outro, dos companheiros da quebrada, seu irmão, seu cunhado, primo, parceiro – se acontecer alguma coisa a gente tá todo mundo junto.

Os helicópteros começaram a sobrevoar. Era uma hora da tarde mais ou

menos. Colocamos várias faixas. Pegamos vários lençóis brancos e escrevemos: “Estamos em paz. Não há rebelião. Queremos paz”.

A resposta veio com tiro. Começaram a atirar pela ventana do quarto e do quinto andar. Uma rajada de fuzil do primeiro helicóptero. Você imagine mais de dois mil companheiros presos em situação de pânico. Tentando se defender, escapar da morte. Você escuta um tiro, o sentimento é de pânico. Incerteza – foi isso que passou na mente de cada um. Naquele momento, você faz uma retrospectiva da sua vida. O que você foi, o que está acontecendo. Você lembra de tudo, do mal que você fez para um companheiro, você lembra de uma briga que você teve. Fica ali tentando sobreviver.

Começaram a atirar e não pararam mais. As faixas nas janelas. Vários companheiros tentaram passar pro outro pavilhão pelo telhado.

— Vamos subir pro teto, vamos passar pro Oito, vamos ver o que tá acontecendo.

Tentaram passar pro pavilhão Oito pelo teto, pra escapar, e foram metralhados. Simplesmente metralhados. Caíram lá de cima pro campo. Os tiros vinham dos helicópteros. Foram umas rajadas pelas janelas, pra assustar todo mundo. A gente saiu correndo que nem louco, sem saber pra onde ir, no quinto, no quarto andar.

A minha cela era no quinto, o 519-I. Nesse tumulto todo, eu tô andando, no terceiro andar, de galeria em galeria pra ver se achava os outros, algum amigo. Tá aquela correria, confusão generalizada, sentimento de pânico, todo mundo gritando. Fizemos mais uma tentativa de colocar faixas de paz, mas não adiantou. Os companheiros desceram do quinto andar gritando:

— Eles tão atirando, já mataram dois! Os manos que tentaram atravessar por cima tão baleado!

Todo mundo desceu pro terceiro. Estouramos o cadeado da triagem. Nesse dia, tinha mais de cem triagens trancados pra ser distribuídos. Triagem é o companheiro novo que chega dos distritos, das delegacias. Cortam o cabelo deles tipo exército, o cabelo dos triagens. Nisso a polícia já tava entrando.

A primeira coisa que a gente percebeu, quando eles entraram, foi o barulho das balas e o latido dos cachorros. Os policiais, a maioria tava de capuz, de máscara e de escudo, entraram metralhando, dando tiro pra tudo quanto é lado. Todo mundo correu pra dentro das celas. Então começaram a jogar bombas de gás lacrimogêneo pra dentro das celas.

Dizem que os presos jogaram óleo nas escadas. Eu não conheço nenhum depoimento de preso dizendo isso. Eu não joguei nem vi jogarem.

Na hora, do tumulto, qualquer buraco mais próximo você tá entrando – a maioria dos companheiros que morreram não estava na própria cela. Vi vários companheiros morrendo do meu lado. Gente morrendo. No terceiro andar, morreu muita gente dentro de uma mesma cela. Do 84-E até o 78-E morreram todos e a maioria nem era daquelas celas. Eram todos amigos que estavam só se escondendo. Morreram debaixo das camas, dentro dos banheiros, se escondendo. Tem companheiro que tava de roupa, morreram de roupa, rendidos, antes da polícia mandar todo mundo ficar nu.

Quando a polícia entrou, eu fui pro quinto andar e fiquei escondido numa cela. Teve um momento que eu apaguei ali no chão, embaixo dos cadáveres. Foi um milagre o que aconteceu. Tinham vários companheiros mortos e eu fiquei ali embaixo dos corpos. A polícia atirava pelos guichês das celas. Eles colocavam o cano da metralhadora nos guichês e disparavam. Eu, encolhido numa cela, escutando tiro pra tudo quanto era lado. A gente escutando. É metralhadora? É fuzil? Não parava, aquele barulho. Chegavam no guichê, a janelinha da porta da cela, e metralhavam. O barulho aumentou até a nossa porta. Um cano apareceu no guichê. Eu vi quatro ou cinco companheiros caírem do meu lado e me joguei também.

A gente foi rendido nas celas. A polícia mandou a gente tirar a roupa e sair olhando pro chão, com a mão na cabeça. Fizeram a gente fazer fila. Formaram corredor polonês, um polícia de cada lado, e mandaram a gente correr. Deram chute, bica, cacetada, tiro.

Eles gritavam:

— Vai ladrão! Vai, zé! Corre, corre, filho da puta! – não chamavam a gente por nome, não, era só “zé”, “ladrão”, xingando – “filho da puta!”.

Eu olhei pra trás e só vi gritos de horror, gemidos. Tropeçava em cadáveres, levantava. O pavilhão já tava todo destruído, tudo escuro, água caindo pra tudo quanto era lugar. Eu corri no meio do corredor polonês, só via o foco das lanternas deles, eles atirando, eu com medo de tomar um tiro. De tomar pancada, facada.

Nisso, teve um companheiro que praticamente salvou a minha vida. Sou grato a ele. Ele também é sobrevivente. Hoje ele é pastor. Essa baionetada que eu tomei no meio da testa, a primeira foi nele, no corredor. Ele me encobriu e acertaram o olho dele. Ele já tinha problema em um olho e acertaram o outro olho dele, ficou cego do outro olho. Teve outro companheiro que era crente, saiu com a Bíblia na mão, deram tiro em cima dele, mas ele conseguiu escapar.

Teve um momento em que o elevador foi quebrado e ficou aberto aquele buraco do fosso. Eles contavam, um, dois, três, no terceiro, eles empurravam quem passava pra dentro do buraco. Eram dois PMs, um de cada lado. Quando o preso passava, empurravam, gritavam:

— É um a menos!

Jogaram vários presos no fosso. Não dava para voltar atrás. Foi horrível. Quando eu passei, me deram uma escudada nas costas. Achei que ia cair pra dentro do fosso. Um preso foi baleado e caiu na minha frente. Foi quando esse meu amigo me agarrou e me grudou na porta. Ele foi me segurar pra eu não cair junto. Um PM deu baionetada que era pra pegar meu peito, mas ele me protegeu e levou a baioneta no rosto. A gente caiu e foi meio se arrastando no meio dos chutes, na barricada da Polícia.

Conseguimos descer do quinto pro quarto andar. Na gaiola do quarto, espancaram a gente de novo. Pontapé, chute, tapa. Na hora eu nem sentia a dor, fiquei anestesiado com aquilo tudo. Traumatizado. O Batatinha, um companheiro que também sobreviveu, um PM encravou uma peixeira na perna dele, na coxa. Varou do outro lado. Aquela faca ficou cravada e ele teve que correr com a faca na perna. A gente foi correndo, descendo de um andar pro outro, tentando escapar das balas e das porradas. Do terceiro pro segundo andar, a cena era horrorizante: aquele monte de gente caída, e você ali em

pânico. No segundo andar, numa distração deles, a gente se jogou no meio dos corpos que estavam ali no corredor. Foi a única alternativa.

Fiquei ali. Nem pensamento direito eu tinha. Escutando, ouvindo aquele gemido, do companheiro do lado, sem nem reconhecer quem era. Muitos estavam deformados, ensanguentados. Eu tava machucado, com o corpo todo dolorido de tanta pancada. Meu braço tava inchado. Eu procurava algum buraco em mim, não sabia se eu tinha sido baleado. Rezei pra tudo quanto é santo.

— Tem alguém ferido? – eles perguntaram uma hora.

Alguns companheiros levantaram.

-- Eu, eu...

— Ah, é?, ladrão, você não morreu ainda, não? Então, toma!

E atiravam. Na cabeça, no peito. Como é que eu ia levantar? Pensei, se eu levantar, vou morrer também. Aí os PMs pegaram uns restos de colchão e puseram fogo. A espuma derretia e eles vinham pingando aquele líquido de colchão derretido, fervendo, em cima dos corpos. Uns vinham pingando em cima dos cadáveres pra ver se alguém tinha alguma reação, outros vinham com a baioneta furando pra ver quem tava vivo. Foi quando eu tomei essa baionetada na testa e outra no queixo. Levei a borra do colchão na perna e no braço, me queimaram. Fiquei ali suportando a dor. Tô ali, deitado, vários companheiros sangrando do meu lado, urinando, cheiro de fezes... Olhava pro lado e via companheiros rasgados de metralhadora, cara estrebuchando, braços tremendo em cima de mim. Eu estava em estado de choque.

Percebi uma movimentação. Conversa de companheiros. Os PMs:

— Já era, pode carregar os corpos.

Começaram a pegar os corpos das gaiolas e levar pro segundo andar. Nesse momento chegou um PM, um tenente ou um capitão, não sei bem, falando:

— Fala pra quem tiver vivo levantar e descer pro pátio.

Aí todo mundo desceu correndo com tudo. Enquadraram todo mundo no pátio, em fila. Todo mundo pelado com a mão na cabeça, alguns feridos. Então eles resolveram socorrer quem tava ferido. Levaram pra viatura. De dez em dez presos, eles pegaram pra carregar os corpos. Mandaram empilhar os corpos no segundo andar. Alguns iam e não voltavam. Matavam os que ficavam cansados. Outros se recusavam a ir e levavam pontapés, a polícia jogava os cachorros em cima. Então começaram a ação com os cachorros.

Vi cara ser mutilado pelo cachorro na minha frente. Colocaram os cachorros dentro de um setor de trabalho e escolheram dez para carregar cadáver, quinze para entrar no setor com os cachorros. Gritaram:

— Vai, ladrão! Quinze pra cá! Vocês vão ver o que é o cão.

Trancavam a porta e deixavam os cachorros avançar nos presos. Horrорizante. Você imagina os cachorros naquela situação, sangue pra todo lado, barulho de tiro, grito, de paulada nas grades, eles ficaram loucos. Parecia que estavam dopados. Os presos tentavam estourar a porta e os PMs dando tiro na direção deles. Teve um companheiro que o cachorro mordeu o testículo dele e saiu arrancando... Cena horrorizante. Maior cena horrorizante mesmo. Veio um PM e executou ele.

Eu chorava, em pânico. Eu só pensava, vai chegar a minha vez, agora vai ser eu.

A cena era horrorizante. Começamos a lavar o pavilhão, puxando com rodo aquele monte de sangue. Pedaco de carne, pedaco de companheiro seu, pedaco de ser humano ali no meio da água misturada com sangue, sangue de vários homens. Vários companheiros se infectaram com doenças, tava todo mundo nu. Você imagina? Os caras encapuzados e você indefeso, nu como veio ao mundo. Nós só fomos ver o rosto de alguns policiais de noite, quando já tava todo mundo rendido e eles começaram a entrar nos barracos e quebrar televisão, quebrar rádio. Tava chovendo, a gente sentado no pátio, nu, frio. Mas eu nem sentia frio, eu só queria esquecer a dor. Os PMs andavam no meio dos presos dando cacetetada, chutando. Um policial quase

arrancou meu braço por causa de uma tatuagem de esqueleto que eu tenho. Outro companheiro, que tava do meu lado, o PM rasgou o ombro dele:

— Vou arrancar essa tua tatuagem na faca, ladrão!

Quando reabriram o pavilhão pra visita, no sábado ou domingo, eles interditaram o campo do pavilhão. Depois, vários corpos ainda foram encontrados no elevador.

Ninguém nunca vai tirar isso da minha mente. Tem companheiros que ficaram traumatizados, não gostam nem de lembrar. Eu mesmo, até hoje eu tenho pesadelos com isso. Às vezes eu me vejo naquele dia, lembro de como começou, um amigo de cela falando, alguém dizendo:

— Ô, André, hoje é seu aniversário, mano! Segunda-feira eu vou embora, vou mandar um presente pra você aí, de lá de fora.

Esse amigo morreu na minha frente, tomou mais de 18 tiros de metralhadora na minha frente. Vi o cara caído e não podia fazer nada. Tinha companheiro ali, como ele, que tava pra sair. O filho daquela senhora que participou do debate na Bandeirantes,³ o filho dela a gente achou no domingo à tarde, dentro do elevador. E ele tava lá por uma besteira, simplesmente por uma briga, um 129.⁴ Dos presos que morreram, 84 estavam esperando julgamento, tudo primário. O Nove era pavilhão de primário, a maioria menos de 21 anos.⁵ Alguns com bons antecedentes, esperando julgamento, nem condenação tinham.

O que aconteceu no Carandiru foi uma crueldade. Nenhum ser humano merece aquilo. Estar num sistema qualificado como o pior do mundo e sair de lá morto... É um pedaço da minha vida e eu tenho que estar aberto para falar disso. Foi um fato que aconteceu e está escrito na história do país. Acho que Deus tinha um propósito na minha vida, um propósito em me tirar daquele lugar, como na vida de muitos companheiros que também sobreviveram. Teve um momento em que os policiais atiravam e não saía mais bala. Eles apertavam o gatilho das metralhadoras e só patinava, não saía mais nada. Foi um milagre. Naquele momento, Deus colocou a mão sobre

várias cabeças, olhou por nós. Acho que foi a mão de Deus que salvou a vida de muitos ali. Acho que Deus quis resgatar algumas pessoas e mostrar que a mão Dele é mais forte que a mão do homem.

NOTAS

1 ZENI, B. (coordenação editorial). *Sobrevivente André du Rap (do Massacre do Carandiru)*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002, p. 17-27.

2 Os pavilhões da Casa de Detenção abrigam setores de trabalho como a alfaiaria, e os setores de *rap* e de esporte (o mais organizado de todos). Nos citados “patronatos de guarda-chuva” e de “tampinha”, os presos confeccionam armações de guarda-chuva e tampas em geral (“de potes, de esmalte, de garrafa”, como lembrou André durante a revisão do depoimento).

3 André se refere a um debate ocorrido em junho de 2001 – durante os dias de julgamento do Coronel Ubiratan Guimarães –, no programa *Melhor da Tarde*, apresentado por Astrid Fontenelle. Participaram do programa: André du Rap, dona Celina, mãe de Mauro Batista da Silva, detendo morto no Massacre, os padres Gunter e Valdir Silveira, da Pastoral Carcerária, James Cavallaro, da Anistia Internacional, e o deputado Conte Lopes.

4 Lesão Corporal, art. 129 do Código Penal. Pena de 3 meses a 1 ano de detenção.

5 Relatório da *Human Rights Watch* com informações sobre 104 dos presos mortos indica que 84 ainda não haviam sido condenados, 12 tinham até 21 anos, e 74 tinham de 22 a 30 anos.